

**IMAGENS NO ESPELHO: MACHADO DE ASSIS, GUIMARÃES ROSA
E JOSÉ J. VEIGA**

**IMAGES IN THE MIRROR: MACHADO DE ASSIS, GUIMARÃES ROSA
E JOSÉ J. VEIGA**

Priscila Ligoski (UFRGS)¹

RESUMO: Esse artigo realiza uma leitura da representação do espelho nos contos homônimos de Machado de Assis, Guimarães Rosa e José J. Veiga, a fim de evidenciar a dicotomia entre instrumento do autoconhecimento e de afirmação da vaidade. Dessa forma, no conto de Machado, o autoconhecimento conclui o caráter dominante da alma exterior. Rosa desenvolve o resgate do ser escondido atrás das máscaras da aparência, a definição da identidade pela alma interior. J. J. Veiga, por sua vez, desloca o foco narrativo para o objeto, mostrando-o capaz de revelar a alma interior. Logo, considera-se que o espelho expõe o desdobramento do sujeito entre corpo e consciência de si.

PALAVRAS-CHAVE: Espelho; Aparência; Alma exterior; Alma interior.

ABSTRACT: This article creates a reading about the mirror's representation on the homonym short stories of Machado de Assis, Guimarães Rosa e José J. Veiga, in order to point out the dichotomy between instrument of self knowing and vanity's affirmation. In this sense, in Machado's short story, the self knowing concludes the exterior soul dominant character. Rosa develops the identity recover hiding behind the appearance mask, the identity definition through interior soul. J. J. Veiga, in turn, dislocates the narrative focus to the object, showing it capable of revealing the interior soul. Hence, it assumes that mirror exposes subject deployment between body and self-consciousness.

KEYWORDS: Mirror; Appearance; Exterior soul; Interior soul.

1. Introdução

Tudo, aliás, é a ponta de um mistério.
Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles.
Duvida? Quando nada acontece, há um
milagre que não estamos vendo.
(João Guimarães Rosa)

Parte-se do entendimento de que o artefato especular carrega consigo um caráter simbólico capaz de influenciar inúmeras crenças, mitos e simbologias, as quais têm grande contribuição na propagação e discussão sobre a relevância atribuída a tal objeto. Sendo assim, delimita-se como foco desse artigo a análise do aspecto dual do espelho no universo literário de Machado de Assis, Guimarães Rosa e José J. Veiga. A dualidade está contida na contraposição de uma face posta como instrumento para a autorreflexão e outra como entusiasta de uma vaidade ilusória. Emprega-se uma perspectiva de teor comparatista para elucidar os aspectos significativos da formulação e do entendimento da relação entre sujeito e imagem especular, a qual pode ser também interpretada como desdobramento do indivíduo em alma exterior e alma interior.

¹ Graduada em Letras Português/Inglês – UFRGS. priscilaligoski@yahoo.com.br

Interessa esclarecer que se pressupõe existir uma ordem cronológica de leitura entre os três contos selecionados, na qual o início da discussão é proposto por Machado de Assis (1882); em seguida, Guimarães Rosa (1962) apresenta texto que pode ser lido como resposta ao de Machado, além de abarcar novas perspectivas sobre o assunto; e, para finalizar, J. J. Veiga (1997) participa desse cenário fazendo a releitura de ambos os textos de modo a elaborar uma obra que trate dos aspectos já abordados pelos predecessores.

2. Espelho do mundo

Ao iniciar a análise proposta, julga-se complexa a tarefa de estabelecer o exato momento em que surgiu o elemento especular, pois há muito tempo já se considerava a água que banha rios, lagos etc, como um exímio espelho natural; então, supõe-se que ela pode ter servido como fonte de inspiração para a criação de tal objeto. Desse modo, aponta-se a água como primeiro arquétipo do espelho, já que também apresenta suas simbologias relacionadas à especificidade, como é o caso do mito de Narciso. Neste mito, Narciso é atraído pela própria imagem refletida na água; deslumbrado com tanta beleza acaba por morrer ao tentar ir ao encontro daquilo que tanto admirava: ele mesmo.

Nesse contexto de elucidações e representações acerca do elemento tratado, muitos teóricos e literatos também deixaram contribuições sobre os mistérios que circundam o artefato. No *Dicionário de simbologia* de Lurker (1997: 237), podem ser encontrados alguns aspectos relevantes: segundo a poesia de *Mallarmé*, o espelho permite ver por trás das coisas; em *Sêneca*, é símbolo da autoanálise ética, o homem deve possuir uma alma (coração) pura como um espelho brilhante para ver a Deus ou poder refleti-lo. No *Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos* de Agripina Ferreira (2008: 68), são também postuladas valorosas considerações: “o espelho duplica todas as coisas. O ser humano, em sua pureza primordial, vê e contempla sua imagem no espelho das águas, ficando maravilhado por ver, no reflexo, um outro que é a sua sombra, mas não é ele, é seu duplo”.

Importa ressaltar a menção ao conceito do duplo, intrinsecamente relacionado à significação do espelho, pois representa uma outra imagem ou um outro lado daquilo que deveria ser único. Assim, pode-se entendê-lo como uma duplicação do “eu”, encontrando-se em sintonia ou em desacordo com sua imagem originária, causando, então, grandes conflitos de consciência. Nesse sentido, é possível também explicitar o duplo como sendo as duas partes de uma mesma pessoa, ou seja, uma extensão do sujeito; considerando-a então como natureza interna e natureza externa; alma interior e alma exterior.

Nesse cenário de elucubrações sobre “espelho”, entende-se pertinente referenciar o *Sermão do Demônio Mudo* (1963), de Padre Antônio Vieira, cujas considerações literárias apresentadas referem-se à linha tênue que separa espelho e imagem especular, além de trazer valoroso aviso sobre os perigos que o artefato carrega. No referido sermão, direcionado às freiras, que por ocasião da regeneração dos conventos, se recusam a abrir mão de seus espelhos, Vieira, com espírito barroco e brilhante oratória, critica o culto da autoimagem e tenta persuadir as religiosas a redirecionar suas vontades aos preceitos divinos (Barros 2008: 6). As proposições feitas por Vieira, superando a dimensão de texto religioso, mostram-se significativas para o desenvolvimento da análise pretendida, pois servem como pano de fundo para a apreciação dos contos selecionados.

O *Sermão do Demônio Mudo* é construído por meio de exemplos vivenciados ou conhecidos e por comparações que evidenciam a caracterização do espelho como demônio mudo. No início, é formulada uma aproximação entre o leão bramindo e o espelho. Considera-se que ambos são inimigos, mas que o pior deles é o segundo, pois ele não avisa que irá atacar. Assim elucida Vieira:

Se o demônio vem bramindo, os mesmos bramidos dão rebate do perigo, e ninguém haverá tão descuidado, ainda que esteja dormindo, que não esperte assombrado, e se acautele; porém se o demônio vem mudo, debaixo do mesmo silêncio, em que se esconde o perigo, descansa, e adormece o cuidado. (Vieira 1963: 241)

Entende-se então que o espelho, há muito tempo, já tinha um influente poder de significação, passível de ser compreendido tanto para o lado do bem, como para o do mal. E isso já era postulado até pela igreja que se preocupava com os pecados da vaidade e com os maus espíritos, os quais poderiam estar escondidos no interior do espelho. Destaca-se ainda a capacidade de influência e transformação das pessoas no momento em que entram em contato com ele e são capazes de ver a duplicação da própria imagem.

Em seguida, Vieira narra a história de um religioso de grande virtude e prudência que havia sido enviado para visitar os conventos das religiosas e expurgar tudo que considerasse contrário a Deus. Ao retornar, o religioso afirmou estar muito satisfeito com o trabalho, pois havia atingido grande sucesso na tarefa; no entanto, existia ainda somente um elemento do qual não conseguiu se livrar: o espelho. A explicação dada é que o artefato especular está fortemente pegado à parede, mas muito mais ao coração das pessoas. Logo, sua representação é posta como algo além de mero objeto refletor, visto que se insere no âmbito das simbologias e crenças universais.

Outro ponto relevante do referido sermão é a passagem onde expõe a razão de chamar o espelho de demônio:

E chamar demônio ao espelho parece que não é só fazer injúria à arte, senão à mesma natureza. O espelho depois de muitos anos (quando já o mundo não tinha muito que ver em si, senão muito que aborrecer) foi invento artificial e humano. Porém na sua primeira origem já tinha sido o espelho obra da natureza, e do soberano Autor dela. (...) O fim deste instrumento natural foi para o homem criado à imagem de Deus, vendo a sua no espelho, a procurasse conformar com a perfeição e soberania de tão alto original; não é agravo e afronta, sobre impropriedade grande, comparar o espelho ao demônio, e chamar-lhe de demônio? Não. Porque desde sua mesma origem não há duas coisas que Deus criasse mais parecidas e semelhantes, que o demônio e o espelho. O demônio primeiro foi anjo, e depois demônio: o espelho primeiro foi instrumento do conhecimento próprio, e depois do amor próprio, que é a raiz de todos os vícios. (Vieira 1963: 245)

Compreende-se novamente a consideração do duplo na caracterização do referido objeto, visto estar presente tanto em sua forma quanto em sua significação. Salienta-se também o aspecto da origem do espelho como sendo algo natural e divino

que, todavia, com a intervenção do homem se tornou algo artificial e simbolicamente avesso ao bem, sendo então causador de conflitos internos e externos ao sujeito.

Para finalizar a análise do sermão de Vieira, é mister ressaltar a parte onde é referida a qualificação do artefato: “E assim se viu porque assim se quis ver: como se o espelho não fora espelho do rosto, senão da vontade. (...) Se vê nele à medida e ao arbítrio da própria vontade, não o que quer, ou representa o espelho, senão o que quer, e como quer quem se vê.” (Vieira 1963: 248) Nesse sentido, é possível considerar que a problemática do espelho passa a ser deslocada para o sujeito que está em frente a ele; e não mais exclusivamente a ele próprio enquanto objeto do mal. Portanto, o caráter de influência e subordinação passa a estar na consciência ou na vontade daquele que o admira ao enxergar a própria imagem refletida. Vale, por fim, apontar que o problema do duplo, como acontece em Vieira, traz embutida uma discussão sobre valores, sobre o modo de avaliar o corpo, a aparência.

3. A farda vista através do espelho

Inicia-se a análise proposta partindo do conto *O Espelho* de Machado de Assis, pertencente ao livro de contos *Papéis Avulsos* publicado em 1882. A narrativa de *O Espelho* destaca-se ao expor e refletir acerca do papel desempenhado pelo sujeito na vida em coletividade e dos conflitos internos que isso ocasiona. Intui-se tal afirmação através da constituição do conto, o qual trata da dualidade de consciência existente entre aquilo que os outros veem e percebem em relação à determinada pessoa e aquilo que ela realmente é. Soma-se a isso a função exercida pelo espelho nessa dicotomia: tanto a de suprir a falta do olhar do outro quanto a de revelar o desaparecimento da individualidade interior do sujeito.

A história de *O Espelho – Esboço de uma nova teoria da alma humana* começa a ser narrada em terceira pessoa. No entanto, em determinado momento da conversa apresentada, o assunto perpassa o tema da natureza da alma; e a personagem Jacobina, ao ser indagada sobre a questão, pede a palavra para si de modo que os outros cavalheiros ouçam calados o relato do que lhe aconteceu. Insere-se, então, a moldura narrativa do conto, contribuindo para o caráter verdadeiro e testemunhal da descoberta, a qual se relaciona à dupla constituição da alma humana. A natureza interior é a individualidade do ser, e a exterior é aquilo que os outros reconhecem no indivíduo, ou seja, a aparência. Assim, segundo a personagem, as duas completam o homem, e caso uma venha a ser perdida, perde-se também metade da existência.

Naquela época, Jacobina era pobre e havia sido recentemente nomeado alferes. Todos seus familiares ficaram muito orgulhosos, e apenas algumas pessoas tiveram inveja da posição social alcançada. Certo dia, a tia de Jacobina o convida para passar alguns dias em seu sítio e pede que leve consigo a farda de alferes. O narrador tenta resistir à transformação que está por acontecer: pede que continue a chamá-lo de “Joãozinho”, porém, a alma exterior já havia mostrado ser mais forte que a interior, e a tia somente insiste em chamá-lo “senhor alferes”, assim como também faziam todos os empregados da casa. Num determinado momento, Jacobina e suas duas almas oscilantes deparam-se com um maravilhoso presente oferecido por tia Marcolina: o espelho. Tal objeto sobressaía em relação ao resto da decoração da casa. Era uma peça singular que fora deslocada para o quarto dele. Assim, com a ajuda da mocidade, a transformação foi concluída: “o alferes eliminou o homem” (Assis 2006: 138). Jacobina perdeu a alma interior, já que a única a ser valorizada era a farda. Portanto, julga-se que o *status* social

alcançado incitou traços de vaidade à postura da personagem, que fizeram com que a alma exterior se sobrepusesse à essência do ser.

No próximo episódio narrado, Tia Marcolina parte para visitar uma das filhas que se encontrava doente. Em decorrência disso, os escravos decidiram fugir, e Jacobina ficou desprovido do olhar do outro para lhe reconhecer e admirar a aparência obtida através da farda. Ao fim de oito dias, Jacobina assevera ter descoberto a solução para os dias de aflição: o espelho. Aconteceu que a personagem lembrou de olhar-se no espelho, coisa que não havia feito até então, e enxergou uma imagem difusa, vaga, sem nitidez. Acerca disso comenta: “A realidade das leis da física não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente (...) mas tal não foi a minha sensação” (Assis 2006: 142) É mister destacar que a percepção e os sentimentos da personagem estão alterados devido à falta da natureza interior, o que faz com que nem ele próprio se reconheça a menos que esteja usando a nova identidade: a farda de alferes. E foi o que impulsivamente decidiu fazer.

Vestido com a farda, Jacobina olhou-se novamente no espelho e, imediatamente, a imagem tornou-se nítida e integral. Isto é, a alma exterior havia sobrevivido ao momento de privação ao olhar do outro e havia, então, ficado cara a cara com seu principal aliado - o espelho -, na tarefa de se sobrepôr à alma interior. Tal objeto supria o vazio deixado pelos admiradores, assim como também revelava para Jacobina aquilo que os outros já haviam percebido: o *parecer* detinha maior importância do que a primeira natureza do ser. Entende-se possível asseverar, então, que Jacobina encontrou a fonte para o amor próprio que o faria existir e que, por conseguinte, fez reconhecer-se: o espelho.

Dessa forma, ressalta-se que *O espelho* de Machado tem papel de destaque no cenário literário enquanto revelação das especificidades delimitadoras da essência da vida em sociedade. Haja vista que o elemento refletor faz com que a personagem Jacobina ganhe consciência da própria condição e, finalmente, perceba que a sociedade vive numa atmosfera disposta a acolher aqueles que atraem admiração para si, e, em decorrência disso, privilegia uma vaidade ilusória. Interessa salientar que ao obter consciência do universo de alienação, a atitude de Jacobina não é a de rebelar-se, mas sim de conformar-se. Portanto, o aprendizado adquirido através da experiência vivenciada não serve como impulso para que haja resgate da alma interior; pelo contrário, o julgamento construído por meio do conhecimento é voltado para assumir postura de aceitação e submissão às normas da aparência social. Tal atitude pode parecer primeiramente ingênua, todavia, pode-se também asseverar que tal posição adquire tom de cinismo, uma vez que se julga estar a obra pautada na exposição e na discussão de questões relacionadas à essência do ser em contraponto aos dilemas sociais.

A partir desse contexto, conclui-se que a inserção do relevante objeto no conto presta a indispensável função de mostrar para a própria personagem o poder da aparência e, por conseguinte, contribuir para que a natureza interior desapareça, e a alma exterior absorva definitivamente a caracterização como aquela que dá razão à existência do ser. Diante disso, Alfredo Bosi elucida no artigo *A máscara e a fenda*:

A consciência de cada homem vem de fora, mas este “fora” é descontínuo e oscilante, porque descontínua e oscilante é a presença física dos outros, e descontínuo e oscilante o seu apoio. Jacobina só conquistará a sua alma, ou seja, a auto-imagem perdida, quando fizer um só todo com a farda de alferes que o constitui como tipo. A farda é

Estação Literária

símbolo e é matéria do *status*. O eu, investido do papel, pode sobreviver; despojado, perde o pé, dispersa-se, esgarça-se, esfuma-se. Não tem forma, logo não tem unidade. Ter *status* é existir no mundo em estado sólido. (Bosi 2000: 99)

Como mostra Bosi, Jacobina recobra sua alma quando se vê no espelho. Assim, confirma-se o conceito de que há duas almas, dois princípios vitais. Importa o modo como o indivíduo se pensa e crê ser isso ou aquilo. Importa também o modo como é visto pelos outros. Portanto, o aprendizado de Jacobina passa pela descoberta da dimensão essencial da alma exterior. Sem o laço social, sem o retorno dado pelos outros, o indivíduo deixa de *existir para os outros*, passa meramente a sobreviver.

Destarte, o papel primordial desempenhado pelo espelho, no conto de Machado, é o de servir como instrumento revelador do engodo trazido pela vaidade da personagem e, em decorrência disso, o desprestígio da identidade do sujeito perante a sociedade. Sendo assim, assevera-se que na caracterização da duplicidade da personagem, ou seja, na sua dicotomia, desvendada através do espelho, entre ser e parecer, o artefato mostrou aquilo que era dominante e, portanto, o que era necessário para que ela existisse: a aparência social apreendida através da farda de alferes. Portanto, tendo como base a perspectiva proposta por Padre Antônio Vieira, entende-se que esse conto apresenta predominância da discussão acerca do espelho como revelação do caráter vão do amor próprio, o qual, segundo Vieira, é a raiz de todos os problemas.

4. O espelho do autoconhecimento

O segundo conto a ser analisado é *O Espelho* de João Guimarães Rosa, participante da obra *Primeiras Estórias*, publicada em 1962. Interessa mencionar que pode ser lido como resposta ao conto homônimo de Machado de Assis (1882), haja vista ter deixado uma lacuna ao tratar da questão da natureza interior e não abordar perspectiva de cunho físico-exploratória, além de também não proceder ao resgate da alma interior que havia desaparecido.

Julga-se relevante apontar que *Primeiras Estórias* apresenta vinte e uma narrativas, as quais estão especificamente divididas ao meio pelo décimo primeiro conto: *O Espelho*. Resta evidente que o artefato especular cumpre na composição do livro o mesmo papel que desempenha no universo humano: refletir as imagens, tendo a mesma distância entre figura e reflexo. Destarte, o primeiro texto – *As Margens da Alegria* – vê sua imagem/estória refletida através do espelho no último conto da obra – *Os Cimos*. Sendo assim, *O Espelho* simboliza na obra a experiência do próprio efeito especular.

O conto de Rosa retrata a experiência vivenciada pelo protagonista e também narrador. Logo nas primeiras linhas, encontra-se esta explicação em tom de aviso: “Se quer seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições” (Rosa 2005: 113) Desse modo, inicia-se a *estória* com a personagem expondo entendimentos e reflexões acerca do objeto espelho, ressaltando que a ela interessam as questões relacionadas ao transcendente. Em seguida, declara disposição em relação ao artefato: “Sou, porém, positivo, um racional, piso o chão a pés e patas. Satisfazer-me com fantásticas não-explicações? – jamais” (Rosa 2005: 115). Dessa forma, pode-se considerar que se instaura uma perspectiva de experiência material adotada pela personagem, cujo método consiste na observação dos

fenômenos; sendo então capaz de produzir, a partir dos dados concretos (positivos), a verdadeira ciência.

Dando seguimento ao conto, é apresentando o momento em que a personagem confronta-se com o elemento refletor:

Foi num lavatório de edifício público, por acaso. Eu era moço, comigo contente, vaidoso. Descuidado, avistei... Explico-lhe: dois espelhos – um de parede, o outro de porta lateral, aberta em ângulo propício – faziam jogo. E o que enxerguei, por instante, foi uma figura, perfil humano, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo senão hediondo. Deu-me náusea, aquele homem, causava-me ódio e susto, eriçamento, espavor. E era – logo descobri... era eu, mesmo! O senhor acha que algum dia irei esquecer essa revelação? (Rosa 2005: 115)

A casual aventura especular vivenciada revelou quão grotesca era a alma exterior da personagem através de uma perfeita ângulação entre os artefatos. Supõe-se então que, a partir desse cruzamento, a personagem foi capaz de se enxergar de maneira singular e perceber que a sua segunda natureza estava corrompida e danificada pelo universo social do parecer. Ou seja, através de uma visão objetiva e distanciada de si mesmo, deparou-se com a própria imagem como se estivesse vendo uma outra pessoa. Infere-se, desse modo, a caracterização do duplo como sendo a revelação de um *outro* que olha o sujeito sem nada dizer, mas faz com que ocorra certa indagação acerca da própria condição.

Depreende-se ainda do fato uma postura de vaidade por parte da personagem, já que assevera estar contente com a imagem de si mesmo. Sendo assim, conclui-se existir uma perspectiva de apego e admiração à aparência, a qual pode ser considerada como especificidade daquilo que é vão, ilusório. Logo, entende-se que, ao avistar a desagradável imagem de si mesmo, a personagem descobre a verdadeira alma exterior, a qual, de fato, não se coloca como motivo para entusiasmo. Apresenta-se aqui um movimento contrário ao mito de Narciso, que se vê no espelho d'água e se apaixona pela imagem que vislumbra, um outro, sem ser capaz de se reconhecer nela. Já em Rosa, evidencia-se um sentimento de repulsa, náusea pela própria imagem refletida e, a princípio, também não reconhecida.

A partir dessa revelação, a personagem passou a procurar-se, isto é, “ao eu por detrás de mim” (Rosa 2005: 116), o qual estava escondido atrás das “capas de ilusão” do sujeito. Desse modo, nota-se que, ao assustar-se com o confronto criado através do espelho, principia caminhada de não-conformidade com a situação, buscando resgatar sua identidade – a alma interior. Para atingir objetivo, utiliza-se de métodos positivos de observação e experiência. Assim, passados alguns anos e “ao fim de uma ocasião de sofrimentos grandes” (Rosa 2005: 119), a personagem novamente fitou-se no espelho. Agora havia alcançado a consciência do ser e, destarte, começou a enxergar uma luz e, em seguida, relata:

Por aí, perdoe-me o detalhe, eu já amava – já aprendendo, isto seja, a conformidade e a alegria. E... Sim, vi, a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto; não este, que o senhor razoavelmente me atribui. Mas o ainda-nem-rosto – quase delineado, apenas – mal emergindo, qual uma flor pelágica, de nascimento abissal... E era não mais que: rostinho de menino, de menos-que-menino, só. (Rosa 2005: 120)

Estação Literária

Deste modo, o protagonista do conto recupera a alma interior e adquire consciência disso, pois sabe que aquilo que os outros atribuem e acham dele diz respeito ao exterior, e que isso será sempre distorcido em relação àquilo que o sujeito realmente é. Assim, resgata a subjetividade através da figura do nascimento de uma flor que lhe revela identidade de menino. O resgate pode apresentar um pressuposto de “amor e alegria”, uma vez que, por intermédio de tais elementos, passa a encontrar e admirar sua primeira natureza. Portanto, nesse instante de felicidade consigo mesmo, torna-se capaz de enxergar identidade mais profunda. Resta evidente que o artefato especular cumpriu o papel de instrumento desencadeador do autoconhecimento e autorreflexão, ocasionado a retomada da essência do ser. Para isso, segue a mesma linhagem de Vieira, ou seja, afasta-se da dimensão narcísica, afasta-se da dimensão do demônio que se encanta com a própria beleza e se perde. Caminha então em repulsão ao corpo aparente para identidade essencial, velada por várias camadas.

Ao final da narrativa, a personagem apresenta uma lição em tom reflexivo sobre a experiência: “a vida consiste em experiência extrema e séria; sua técnica – ou pelo menos parte dela – exigindo o consciente alijamento, o despojamento, de tudo o que obstrui o crescer da alma” (Rosa 2005: 120). Portanto, é necessário se livrar das máscaras da alma exterior para que a alma interior possa viver e se construir. Por fim, o narrador da *estória* deixa ainda um questionamento: “*Você chegou a existir?*” (Rosa 2005: 120), o qual se julga fazer referência aos sujeitos que vivem apenas com a alma exterior, isto é, se realmente há condição de existência para quem se esconde atrás das “capas de ilusão”.

Para concluir, entende-se que o conto de Guimarães Rosa, apesar de, no começo da narrativa, apresentar alguns traços relacionados à ilusão trazida pela vaidade, trata precipuamente da especificidade do artefato especular enquanto elemento que suscita o processo de subjetivação da personagem, cuja filiação se estabelece, segundo Padre Antônio Vieira, com a primeira caracterização do espelho: a de instrumento para o conhecimento próprio. Nesse sentido, a característica dual ocasionada pelo espelho evidencia-se através da possibilidade de auxiliar a personagem na passagem do múltiplo ao uno, ou seja, no intuito de que as inúmeras máscaras que circundam a alma exterior sejam deixadas de lado para que possa reinar a individualidade única do sujeito.

5. A turbulência causada pelo espelho

O último autor participante desse estudo é José J. Veiga, cuja entrada nessa discussão se mostra relevante pelo fato de ter publicado livro de contos intitulado *Objetos Turbulentos* (1997), onde a primeira história narrada recebe o nome de *Espelho*. Interessa esclarecer que não é simplesmente pelo fato de apresentar a mesma denominação dos contos escritos por outros autores, como Machado e Rosa, que constitui a tríade perspectiva. A justificativa vai além disso, visto que muito já foi escrito acerca desse misterioso objeto que permeia o imaginário no universo da literatura; portanto, o valor enquanto participante do diálogo estabelece-se por intermédio da maneira pela qual é abarcada a temática do espelho, ou seja, pelo viés narrativo voltado para a problematização da especificidade fantástica dos acontecimentos especulares.

O conto, narrado em terceira pessoa, relata que determinado objeto especular fora encontrado por um belchior em uma casa abandonada e, depois comprado por um jovem casal que o colocou em um lugar de destaque na sala de visitas. Estavam felizes com sua sala, já que, além do novo artefato, exibia “poltronas Luís XV estofadas de

veludo caramelo pelo artista Mário Cotas” (Veiga 1997:13). Essa parte da casa tornou-se acolhedora, fazendo com que preferissem ficar em casa a sair com os amigos. O jovem casal percebeu que “a alma do ambiente era o espelho, tudo mais eram acessórios que sozinhos não encheriam os olhos de ninguém. Sem o espelho ficaria uma sala plebéia” (Veiga 1997: 13). Assim, cada vez mais, foram passando mais tempo naquela peça da casa, e achavam isso natural.

Certo dia, o casal parece ter a percepção de que algo havia mudado em suas vidas e ao conversarem, a mulher questiona: “não acha que estamos parecendo dois bobocas atrelados a este espelho?” (Veiga 1997:14). Nesse momento de tomada de consciência sobre o fascínio causado pelo espelho, o marido aproveita e relata misterioso fato à esposa:

Um dia, quando você estava na cozinha fazendo café e eu aqui conversando com Emer e Zenaide, os dois sentados no sofá, olhei para eles para dizer qualquer coisa, tive uma sensação esquisita. Emer me perguntara sobre meninos de rua, a matança da Candelária. Quando dei minha opinião, aconteceu. Os que estavam no sofá eram Emer e Zenaide. Os que eu via no espelho, só do ombro para cima, eram outros. Esses aprovavam a matança. Não diziam isso em palavras, as palavras deles eram as de Emer e Zenaide, diziam que tinha sido um horror, uma vergonha, uma desumanidade; mas tudo soava falso. A opinião verdadeira estava nas imagens verdadeiras. Fiquei horrorizado. (...) Naquele instante o espelho mostrou-me a verdadeira alma deles (Veiga 1997: 16)

Após a revelação, a mulher disse preferir que ele tivesse imaginado isso, o homem concordou, porém advertiu que aquilo havia sido real. Resolveram não falar mais sobre o assunto, mas pensaram bastante sobre o fato ocorrido. O jovem casal foi ao cinema e, ao voltarem pra casa, retiraram o espelho da parede. No dia seguinte, fecharam negócio novamente com o belchior.

Mostra-se evidente que a história parte de um objeto do cotidiano, a princípio insignificante ou de menor valia, para então transformá-lo no elemento principal da narrativa, que atrai completamente a atenção das personagens e parece guardar um poder sobrenatural de intervir em suas vidas. Desse modo, cria-se um contexto de turbulência, haja vista que o objeto ocasiona uma sensação de atração e fascínio para si, para depois atuar na desestabilização da vivência cotidiana das personagens.

Ressalta-se que a desventura do jovem casal acontece devido à postura de vaidade e ambição pelo fetiche social, visto que compraram o espelho que apresentava um preço alto, cuja constatação havia sido feita por um decorador que o julgara caro; porém, assim mesmo levaram-no sem titubear, nem pechinchar. Apontam-se tais elementos no seguinte fragmento:

Horas depois entrou um casal jovem procurando uma mesa de jantar extensível. Não gostaram das duas únicas que havia, ambas precisando de conserto, o que encareceria o preço final. Quando saíam, viram o espelho. Ouviram o preço, confabularam em voz baixa, compraram sem regatear. (Veiga 1997: 12)

Percebe-se também que o objetivo de compra do casal era outro: uma mesa de jantar; entretanto, decidiram que o objeto especular combinaria de maneira perfeita com os outros móveis de caráter valioso e de ostentação dispostos na sala, compondo então uma “sala de revista”, como referido no conto segundo o olhar do outro, isto é, dos amigos do casal. Dessa maneira, o confronto com o espelho não acontece de forma casual, já que é o próprio casal quem decide tê-lo em casa; conseqüentemente, ele se realiza de modo voluntário por intermédio do desejo ilusório de atrair admiração para si. Logo, assevera-se que o casal caiu na armadilha do engodo criada pelo espelho, uma vez que, segundo Vieira, ele é o demônio que age calado, sendo então o entusiasta de uma vaidade vã.

Importa referir que o objeto especular abarca um fenômeno presente no imaginário da sociedade: o espelho como revelador da primeira natureza do sujeito. Assim, ao confrontar a revelação de que a aparência é algo falso, ilusório e que a imagem refletida era a que mostrava o que realmente era verdadeiro, o casal não soube o que fazer, nem como lidar com a constatação de tal fato. Entende-se que tiveram a oportunidade de enxergar e compreender uma nova perspectiva acerca dos aspectos do universo social e da submissão ao parecer, e não souberam aproveitá-la, já que não tiveram discernimento para julgá-la, pois preferiram esquecê-la e não tocar mais no assunto. Portanto, não se mostraram capazes de utilizar o espelho como desencadeador de autorreflexão, pelo fato de não buscarem alcançar o ensinamento que lhes estava sendo transmitido. Evidencia-se ainda a temática do duplo, haja vista que o desdobramento das personagens denunciou que as opiniões, apresentadas pela natureza exterior, não eram confiáveis. A imagem refletida foi responsável por revelar a verdadeira alma deles. Sendo assim, é posta em xeque a dicotomia existente entre o parecer e a real essência do sujeito.

Portanto, J. J. Veiga estabelece no conto *Espelho* uma perspectiva de narração voltada para o *protagonismo* do artefato especular, uma vez que expõe a submissão das personagens, principiada pelo fetiche social, ocasionando o deslocamento de poder do sujeito para o objeto. Desse modo, o espelho assume a tarefa de criar um contexto de turbulência, revelando a veracidade imposta pela alma interior. Todavia, não se desenvolve uma perspectiva de reflexão sobre o acontecimento narrado, já que a valorização do caráter ilusório da aparência impede que as personagens sofram transformação na consciência social. Destarte, segundo a perspectiva construída por Padre Antônio Vieira, o espelho é tido como instrumento do bem, mas o utilizam como artifício capaz de atrair e originar os pecados da vaidade.

6. Considerações Finais

Julga-se que a caracterização dual do artefato especular entre instrumento para o autoconhecimento e instrumento desencadeador do engodo da vaidade, apontada por Padre Antônio Vieira no *Sermão do Demônio Mudo*, tem grande influência no desenrolar das narrativas selecionadas. Desse modo, segundo a perspectiva abordada, o elemento refletor, no caso de Machado, contribui para que o fetiche social da farda de alferes se sobreponha à essência do sujeito; na obra de Rosa, auxilia no resgate da subjetividade através do despojamento das facetas de superficialidade do *parecer*, e, ainda, em relação à Veiga, denuncia que a aparência é algo ilusório, já que a verdadeira essência do indivíduo está na respectiva alma interior.

Portanto, Guimarães Rosa desenvolve expressivamente uma perspectiva de cunho reflexivo através do confronto realizado com o espelho e, por conseguinte, realiza

o aprendizado de uma sábia lição a partir da experiência vivenciada. Enquanto que, nos outros dois contos referidos, as personagens deixam-se levar pela ilusão do *status* social e acabam não alcançando a reflexão necessária para que haja uma transformação de caráter e de consciência social diante do contexto de superficialidades que as circunda.

Logo, considera-se que o espelho expõe o desdobramento do sujeito entre corpo e consciência de si, haja vista que a aparência nem sempre revela o que se passa na interioridade do sujeito. Desse modo, o caráter de dualidade evidencia, no caso de Machado, a impossibilidade de fusão entre alma interior e exterior, já que a predominante era a exterior; na perspectiva de Rosa, propõem-se duas existências separadas: a experiência física do corpo guiada pela ótica da segunda natureza e a alma interior encoberta por muitas capas; em Veiga, constitui-se o desdobramento da caracterização das personagens criando um conflito para aquele que o presencia, tendo então que discernir a verdade da falsidade.

Sendo assim, a exploração e elucidação do caráter dicotômico do artefato especular, exposta segundo a perspectiva de Padre Antônio Vieira, traz consigo valiosas contribuições para pensar o lugar do espelho na literatura. Ao se deparar com a própria imagem, reproduzida no espelho, o indivíduo pode se reconhecer apenas no que a sociedade devolve (Machado de Assis), pode buscar uma imagem essencial através do desvelamento (Rosa) ou pode ficar preso ao espelho e horrorizado com a revelação do que se esconde atrás da aparência, cuja conveniência e decoro não permitem expressar (Veiga).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. 2 ed. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda, 2006.

BARROS, Kellen Dias de. *Sermões vieirianos: uma ferramenta teológico-cristã*. XI Congresso Internacional da ABRALIC (2008) USP – São Paulo, Brasil.

BOSI, Alfredo. *A máscara e a fenda*. In Machado de Assis: O enigma do olhar. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

FERREIRA, Agripina Encarnación Alvarez. *Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos*. Londrina: EDUEL, 2008.

LURKER, Manfred. *Dicionário de simbologia*. São Paulo: M. Fontes, 1997.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

VEIGA, José Jacinto. *Objetos Turbulentos: contos para ler à luz do dia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

VIEIRA, Antônio. Sermão do Demônio mudo. In: _____. *Os Sermões*. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

Artigo recebido em 5 de agosto de 2011 e aprovado em 20 de setembro de 2011.